

Cuidado com a euforia sobre a IA

O tecno-otimismo implacável e a ilusão de inevitabilidade é a maneira como o Vale do Silício cria riqueza no papel

Por

Rana Foroohar

Valor, 26/03/2024

Mais uma semana, outro recorde no mercado de ações dos Estados Unidos. O salto da semana passada foi desencadeado pelo sinal emitido pelo Federal Reserve (Fed) de que os investidores podem esperar mais cortes nas taxas de juros este ano. Mas o otimismo mais profundo do mercado baseia-se em duas coisas: as reservas de caixa das gigantes de tecnologia que hoje dominam os mercados e a crença na capacidade delas de monetizar a Inteligência Artificial (IA).

Disseram-nos que a IA “mudará o mundo”. Ela vai aumentar radicalmente a produtividade (embora perturbando milhões de empregos). Ela criará um enorme bolo de riqueza para o mundo dividir. E, segundo um empolgante relatório da ARK Investment, que na semana passada previu um incremento de US\$ 40 trilhões no PIB mundial com a IA até 2030, ela vai “transformar todos os setores, impactar todas as empresas e catalisar todas as plataformas de inovação”.

É a euforia e a sensação de inevitabilidade nesta narrativa que me deixa nervosa. Mesmo que você acredite que a IA será o equivalente de hoje à eletricidade ou a internet, nos encontramos nos estágios bem iniciais de uma transformação altamente complexa de várias décadas que não está de forma alguma concluída. Ainda assim, todas as avaliações estão computando nos preços toda essa mudança radical e mais algumas. Um relatório de fevereiro da Currency Research Associates aponta que seriam necessários 4.500 anos para os dividendos futuros da Nvidia igualarem seu preço atual. Isso é que é longo prazo.

Embora a Nvidia não seja a Pets.com - ela tem receitas tangíveis obtidas com as vendas de coisas reais -, a narrativa geral da IA depende de muitas suposições incertas. Por exemplo, a IA exige quantidades enormes de água e energia. Há uma pressão tanto nos EUA como na Europa para que as empresas divulguem o uso desses insumos. Seja por meio da fixação de preços ao carbono ou um imposto sobre o uso de recursos, é bastante provável que esses custos de produção aumentem significativamente no futuro.

Da mesma forma, os desenvolvedores de IA não precisam agora possuir os direitos autorais dos conteúdos sobre os quais os modelos são treinados. Eles não precisam lucrar com a própria IA, é claro; a suposição de ganhos futuros é suficiente para alimentar essa onda de entusiasmo. O tecno-otimismo implacável e a ilusão de inevitabilidade é a maneira como o Vale do Silício cria riqueza no papel. Mas lembre-se, muitos dos defensores da “AI em todos os lugares” estavam promovendo a web3, as criptomoedas, o metaverso e os benefícios da “gig economy” (economia sob demanda) não muito tempo atrás.

Uma grande diferença, é claro, é que a IA foi validada por grandes empresas líderes de mercado e capitalizadas, como Microsoft, Google e Amazon. Mas mesmo dentro dessas empresas os desenvolvedores têm suas dúvidas. Um funcionário de alto escalão de uma grande companhia de IA recentemente admitiu para mim, quando pressionado, que as suposições de lucros em torno da tecnologia são baseadas “mais em especulações do que em substância”, e que problemas importantes ainda precisam ser resolvidos.

Qualquer pessoa que já tenha experimentado modelos de linguagem ampla pode atestar isso. Eu não dependeria de um chatbot ao fazer pesquisas para o meu próprio trabalho porque não quero me preocupar com a exatidão dos dados que estou recebendo. Também não quero abrir mão da minha capacidade de selecionar minhas próprias informações. (Prefiro fazer uma pesquisa no Google e ver as fontes e citações apresentadas).

Admito que estou operando no topo do espectro dos empregos de colarinho branco. Mas mesmo para tarefas mais rotineiras e intermediárias há muitas dúvidas sobre como integrar a IA nos fluxos de trabalho, e se ela realmente será mais produtiva que os humanos que ela poderá substituir. E os humanos estão começando a se revoltar. As greves dos roteiristas de Hollywood foram, no fundo, sobre o controle da IA. Além disso, os sindicatos estão abordando a questão da regulamentação tecnológica de forma mais ampla.

Mesmo que você acredite que a IA será o equivalente de hoje à eletricidade ou à internet, nos encontramos nos estágios bem iniciais de uma transformação altamente complexa de várias décadas que não está de forma alguma concluída

Enquanto isso, a reação dos direitos autorais contra a IA está ganhando força. Na semana passada, as autoridades reguladoras francesas multaram a Google em € 250 milhões por ela não ter notificado as editoras jornalísticas de que estava usando suas reportagens para treinar seus algoritmos de IA, e por não licenciar acordos justos. Isso segue-se a processos parecidos movidos pelo “The New York Times” contra a OpenAI e a Microsoft. À medida que a IA penetra em conjuntos de dados corporativos próprios, as oportunidades de litígio sobre direitos autorais aumentarão e possivelmente até se encaixarão nas reclamações dos trabalhadores sobre vigilância corporativa.

Depois, há o problema do monopólio. Como escreveu em 2021 Meredith Whittaker, presidente da Signal Foundation e confundador do AI Now Institute, os avanços modernos da IA são “principalmente o produto de dados significativamente concentrados e recursos de computação que estão nas mãos de umas poucas grandes corporações de tecnologia”. Nossa dependência crescente dessa IA, acrescentou Whittaker, “confere um poder excessivo sobre nossas vidas e instituições a um punhado de empresas de tecnologia”.

As empresas chamadas de as Sete Magníficas impulsionaram o entusiasmo pela IA e os ganhos do mercado de ações ao longo do último ano. Elas levaram a concentração do índice Standard & Poor's 500 a um extremo histórico. Mas conforme observa um relatório recente da Morgan Stanley Wealth Management, “a concentração do índice historicamente sempre se mostrou autocorrigível, com alguma combinação de forças competitivas, regulatórias e de mercado, juntamente com a dinâmica do ciclo de negócios, minando a liderança estática”. O relatório diz que “análises sugerem que os retornos das ações geralmente enfrentam dificuldades depois de picos de concentração”.

A combinação de fatores de correção pode incluir o número crescente de casos antitruste contra as Big Techs e a possibilidade da fixação de preços ao carbono e as multas por violações de direitos autorais desafiarem as inserções “gratuitas” necessárias para se obter lucro.

Quer você veja a IA como a próxima bolha das tulipas ou o próximo motor a combustão, vale questionar como o mercado está precificando essa história. **(Tradução de Mário Zamarian)**

Rana Foroohar é editora especial do Financial Times em Nova York.